

“Se a verdade fosse um objeto palpável, ela seria uma massinha de modelar.”

André Dahmer, carioca de 34 anos, é um artista plástico diferente. Não é, como vários de seus pares, um segredo entre poucos marchands, que compram e vendem suas obras por fortunas. Ao contrário: tem milhares de fãs, que poderiam adquirir os quadros diretamente do artista – se ele os vendesse de forma sistemática. Tudo porque estendeu seus dotes de desenhista para uma arte considerada menor, os quadrinhos, e simplesmente se tornou o melhor de sua geração.

Criança-problema, com síndrome de déficit de atenção aguda, teve a infância marcada pela repetência (“eu era aquele clássico caso do garoto grande demais em uma turma de crianças pequenas”), evasão escolar involuntária (“fui expulso do colégio Corcovado por não conseguir ficar parado por 40 minutos”) e por visitas a terapeutas (“não deu certo, entrava na sala já pensando ‘você tá fodido, vovô!’”).

Seus pais tentaram “curá-lo” com o judô (“Graças a Deus não receitavam Ritalina naquele tempo”), mas o que funcionou foi a Escola de Artes de Maria Teresa Vieira. Lá, Dahmer sossegou e encontrou sua vocação. Mas ainda levaria tempo para achar seu caminho: matriculado no curso de Belas Artes, não gostou dos rigores da academia e aí, tirando nota baixa em coerência, foi fazer Desenho Industrial na Pontifícia Universidade Católica. Pior: antes, chegou a prestar vestibular para Direito na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Passou, mas não cursou.

Uma matéria eletiva o salvou: conheceu o professor Urian Agria, que mandou Dahmer jogar fora a borracha e ensinou uma lição que adotou como lema: “Quem pensa, não pinta; quem pinta, não pensa”. Ele então se despediu dos retângulos áureos, das curvas francesas, das medidas de ouro e passou a viver feliz com seu traço imperfeito. Mais tarde, um dos personagens de Dahmer diria: “Deus me fez mal desenhado para ressaltar minhas qualidades morais”.

“Deus sabe que não faço esses quadrinhos por mal.”

Ainda na faculdade, resolveu se arriscar nos quadrinhos, inspirado pela tira “Os Ácaros”, de um colega que levaria suas ambições artísticas para outra área: Rodrigo Amarante, ex-Los Hermanos e atual Little Joy. “Foi uma série curta, de cinco ou seis tiras. Tinha um elefante que voava e um pássaro que ficava preso ao chão. Foi a primeira vez que vi que dava para fazer algo diferente em quadrinhos.” Dahmer, autodidata, confessa que lia poucos gibis: “Lembro assim de cabeça de Mortadelo e Salaminho, que herdei de um primo. Só fui descobrir mestres como Laerte e Fábio Zimbres depois, mas ainda a tempo de fazer a cabeça com eles”.

Nascia ali, em 2001, a tira on-line Malvados (malvados.com.br). O site, que surgiu sem estardalhaço (“Era uma época em que você tinha a impressão que não havia ninguém na internet”, ele lembra), hoje tem um milhão e meio de acessos por mês e mais de 1300 quadrinhos publicados. Nas histórias, duas flores – margaridas ou girassóis, há controvérsias – conversam sobre o sentido da vida e outros temas espinhosos como matéria-prima humorística. “Vida?”, dizia uma delas, “vou procurar no Google”.

Prolífico, nos primeiros anos fez uma tira por dia e a cada link trocado entre cada novo leitor, sedimentou uma base de fãs que passou a interferir na própria criação. As opiniões do público (favoráveis ou pra lá de ofensivas) inspiram Dahmer a fazer gags com o comportamento obsessivo de alguns de seus leitores. Além de cobrar assiduidade como se estivessem pagando pelo serviço, alguns chegam ao cúmulo de propor temas – não é à toa que Dahmer batizou sua caixa de comentários de "Falsa Democracia".

Com o tempo, não só a audiência, mas o universo dos Malvados também cresceu: surgiram outros personagens, como a solitária Sara Sofrida, o vidente Mestre Barbará das Boas Notícias e Emir Saad, o ditador de Zazanov, sempre em guerra contra outros países fictícios – cuja inexistência não impede que suscitem discussões reais. Há até uma comunidade no Orkut, entre várias outras sobre os quadrinhos de Dahmer, para discutir a “geopolítica do Ziniguistão”. Um de seus personagens mais populares, ainda, é autobiográfico: na série Mini Dahmer, o cartunista costuma se desenhar em situações hilárias.

Aos poucos, também foi conquistando a admiração dos colegas de quadrinhos: "O Dahmer é o cara que mais se destaca nessa geração que se libertou da obrigação de comentar a política nacional com o fim da ditadura", diz Nani, cartunista do primeiro escalão e cria d'O Pasquim, que moldou o humor moderno brasileiro. "Ele tem boas preocupações, uma anarquia correta, está sempre questionando, o que é muito importante hoje, quando a arte não questiona nada", completa. Allan Sieber, outro representante da geração de que fala Nani, concorda: "É um frasista genial, além de ter um desenho personalíssimo e classudo, que mantém enjaulado para não atrapalhar o fluxo de seus pensamentos", diz, comentando o traço quase caligráfico de Dahmer. Não só seu estilo minimalista chama atenção, mas também seus métodos pouco ortodoxos de criação: costuma desenhar primeiro e pensar na piada depois".

Os quadrinhos não fizeram André parar de pintar, nem de inventar outras formas de exprimir sua visão de mundo. Junto com o artista plástico Rodrigo Linares, amigo íntimo e irmão em talento, criou um site (malvados.com.br/obras) para expor seus trabalhos de intervenção urbana – como uma cruz de maços de cigarro que ergueu em frente a uma igreja ou a placa indicando o uso obrigatório de máscara de gás, que pregou em uma pracinha, para horror das velhinhas passantes. Mas são ainda melhores as ideias que ficaram só no papel: “Eu queria parafusar em um banco do metrô uma placa de metal com a inscrição ‘Homenagem a Jean Charles’. Seria lindo”.

Na mesma linha, lançou o Normal Project, em que distribui tarefas de intervenção urbana aos leitores. A Galeria de Heróis no site dos Malvados exhibe fotos e vídeos dos que toparam levar mendigos para comer em um McDonald's ou recitar, na via pública e aos berros, o poema “A Morte do Leiteiro”, de Carlos Drummond de Andrade. Mas um de seus projetos de mobilização foi longe demais: uma paródia do site que contabiliza os mortos na Guerra do Iraque, o Iraq Body Count – só que apontando os assassinatos no Rio de Janeiro registrados pela mídia. Um trabalho de cão, que ele manteve atualizado durante meses com a ajuda de amigos.

André não imaginava que o Rio Body Count acabaria no telão eletrônico do programa sensacionalista Brasil Urgente, logo atrás do apresentador José Luiz Datena. “Olha aqui, governador! A gente quer polícia!”, ele dizia, indignado. Dahmer: “Que mané polícia,

estamos comprando armas de guerra desde os anos 1990, esse é o problema”. O site virou matéria em todo o Brasil e até no exterior. “Foi a primeira vez que senti o que é a bola de neve da informação”, ele avalia. Quando se deu conta, André estava recusando uma entrevista para um grande órgão da imprensa estrangeira (“New York Times, The Guardian, CNN, um desses”), incomodado por ter sido chamado de “herói” pela repórter. Pouco depois, acabou com o serviço, mas seguiu comentando o clima de violência na Cidade Maravilhosa com a série de tiras Cidade do Medo.

“O que está vendendo bem são os produtos contra o consumismo.”

André começou a vender produtos relacionados a seus personagens na internet de forma tímida, na seção Malvadoscorp, do seu site. Hoje é necessário um espaço no apartamento em Botafogo só para armazenar as camisetas, cinzeiros, canecas e bonecos com os desenhos dos Malvados e turma, encomendados todo dia – sem contar os originais, pelos quais cobra caro, tendo a consciência aliviada pelo fato de que muita gente os compra. “A minha mulher, Tina, é quem cuida disso. Ela não aguenta mais ir ao correio.”

Das pinturas, ele tem mais ciúmes – dá mais de presente do que vende, quase todos os amigos têm pelo menos uma. A figura de um garoto de rosto rechonchudo – eventualmente com um barquinho de papel na cabeça – aparece em tantas delas que ele até já fez piada com isso em uma tira: “Esse quadro tem valor afetivo, mas eu o venderia por trezentas cervejas/ Ele é igual a outros dez mil que você já fez!/ Dez mil vezes trezentas...”

Dahmer tem uma relação tumultuada com o dinheiro. Desaprova que o usem como medida de mérito artístico e gosta de ser perdulário (tente pagar uma conta de bar com ele por perto), sem ser consumista. “Em toda entrevista que fazem comigo, essa palavrinha ‘sucesso’, está sempre associada à questão da grana ou da visibilidade, do que eles chamam de ‘capital social’, essa expressão horrível.” Uma das brigas de muitas que costuma comprar no site dos Malvados e em sua conta no Twitter (twitter.com/malvados) é contra pessoas que vendem espaço publicitário em blogs e redes sociais. “Não sou contra propaganda, sou contra publicidade não caracterizada como publicidade, vendida como se fosse opinião”, define.

Com o tal sucesso, veio o assédio das publicações tradicionais – ele já fez quadrinhos para a Folha de S. Paulo e Jornal do Brasil, entre outros. Esses trabalhos, porém, não o impediram de alfinetar o meio: “Jornal é uma espécie de internet de pobre”, já disse um de seus personagens; “Afogar o último dono de gravadora nas lágrimas do último dono de jornal” também já apareceu em um balão. Coincidência ou não, atualmente nenhum veículo impresso mantém Dahmer entre seus colaboradores (ele ainda segue publicando no portal G1, das organizações Globo).

Ao contrário do que possa parecer, porém, ele não tem nenhum preconceito contra o papel. Neste momento, lança A Cabeça é a Ilha, seu quarto livro e o terceiro pela editora Desiderata. Nele, compila várias tiras de todos os personagens, com exceção das flores do mal – algo que já tinha feito em 2007 com O Livro Negro de André Dahmer. A Cabeça é a Ilha também é sua coletânea mais estranha, com tiras experimentais, algumas até bem sérias e poéticas. “Quando a Gabriela Javier, minha editora, mostrou o livro pronto, fiquei assustado com o que produzi ultimamente”, ele lembra. “Foram os anos mais bagunçados

da minha vida.” Para Dahmer, o marco zero desse período atribulado foi o suicídio de uma ex-namorada. “Tive uma crise nervosa depois da morte da Carolina, em 2007, e isso mudou meu trabalho.” Sua instabilidade emocional se refletiu em algumas das séries que ele criou depois, como a saga de Ulisses, um apaixonado crônico que rouba um navio lotado de garrafas de vinho para tentar esquecer sua amada Rebeca, ou Os Últimos Dias de Helmut H, em que retrata um suicida. “Mas superei, com ajuda da Tina. Não vou ficar lamentando meus mortos para sempre.” Ele garante que não é tão angustiado como seus quadrinhos fazem parecer.

“Amigos... só servem para deixar o Orkut mais lento.”

Ainda assim, é um apaixonado. Para quem já escreveu “Os ricos sentem medo, os pobres sentem raiva – este é um país emotivo demais”, Dahmer se deixa levar bastante pelos sentimentos. Seus amigos (o autor desta matéria pede licença para se incluir na lista) conhecem sua mania de se empolgar com o que fala e acabar discursando – sem ser chato, diga-se. Quem o conhece, concorda que ele é desses sujeitos que deveriam ser seguidos por um estenógrafo, para não deixar suas frases de efeito (“para mim, sapato tem decote”) sem registro.

Apesar do grande círculo de amizades, André Dahmer é um notório recluso. Um de seus projetos futuros é fazer uma coletânea de mensagens em mp3 de conhecidos que o ameaçaram na secretária eletrônica (“eu sei que você está aí, Dahmer, atende essa porra!”). Além de se esconder em casa, tem um sítio em Nova Friburgo onde cultiva orquídeas, sua grande paixão. Aliás, mais dois dos seus planos por uma maior qualidade de vida: morar no mato, em uma espécie de comunidade hippie com banda larga, ou comprar um quiosque de florista. “Meu sonho é chegar para trabalhar a cavalo, em pleno Rio de Janeiro”, diz, beijando o ar repetidamente, como se guiasse um pangaré imaginário.

Às vezes, porém, age de forma oposta: como um sujeito gregário com medo de ser abandonado pelos amigos. Depoimento pessoal: certa vez me ligou e, antes que pudesse falar qualquer coisa, contei que ele, um tanto alterado pelo álcool, tinha deixado uma nota de R\$ 50 para pagar uma lata de refrigerante, a única coisa que bebeu no último de uma série de bares percorridos na noite anterior. “Meu Deus!”, ele reagiu, surpreso, “estava ligando para saber por que você não saiu comigo ontem”.

Dahmer tem uma dívida de gratidão com a bebida. Além de render grandes frases para seus quadrinhos (“não posso deixar o desenho atrapalhar o meu alcoolismo”, “o álcool é o Gelol da alma”), ele acredita que o vinho é um excelente combustível para a criação. É claro que estabelecer níveis seguros para o consumo dessas substâncias é difícil, e ele guarda, como todo mundo, algumas experiências traumáticas de porres. Uma vez, quase foi eletrocutado quando chegou desorientado da rua e urinou em cima do gabinete do seu computador. Ele também tem um vício (moderado) em jogo: bate ponto no Jóquei Clube da Gávea, em mesas de sinuca e rodas de pôquer. “Gosto de apostar, gosto da sorte, faz parte da minha culpa com o dinheiro, do meu plano de vingança contra ele.” Mas Dahmer não tem medo de perder o controle: “para isso, tenho esposa”.

Sobre o déficit de atenção que o levou a pintar: continua firme e forte. Se André Dahmer cumprimentar efusivamente um interlocutor, mas depois chamá-lo de “querido”, pode ter

certeza de que esqueceu seu nome. “Não escuto um terço do que deveria; ouço uma pessoa durante um tempo, me distraio, só pego o final do que ela fala e não entendo nada.”

"Poupe ao menos meu senso de justiça, ele é só uma criança"

Assim na vida, assim na arte: é um distraído em tempo integral. Dahmer não tem hábitos de leitura, não sabe de nada do que está acontecendo na música (só abre exceção para o trabalho de amigos, como Marcelo Camelo) e quase não vê filmes. Se interessa por política, mas seus comentários sobre os acontecimentos quase nunca são pontuais. Se define de esquerda, postura que às vezes passa batida para seus leitores "tem gente que interpreta errado uma tira mais cínica, como se eu estivesse defendendo o fim do estado de direito ou algo assim. Já me chamaram inclusive de nazista e misógino, absurdo". Ele rejeita os modelos tradicionais ("Não sou bobo de achar que o ideal é o Estado organizar fila de sopa para todos, todo mundo usando o mesmo sapato") e faz coro com os que sonham com um "modelo de esquerda que nunca veio".

Dado a julgamentos sumários (experimente defender articulistas conservadores como Diogo Mainardi para ver sua reação) o humor de Dahmer também passa um clima de tribunal de exceção – existe o certo e o errado no universo das suas tiras. Talvez nisso resida a explicação para a enorme repercussão do seu trabalho: só um mundo materialista em excesso transformaria em sucesso comercial uma crítica tão violenta às suas contradições. "Avatar Moraes, meu professor de Filosofia da Estética, dizia que o burguês compra a arte porque é incapaz de fazer". André Dahmer faz arte porque é incapaz de se vender.